



Manuel Duarte de Almeida nasceu em Vila Real em 1844, na freguesia de São Pedro, no dia 1 de Outubro (data que se lê no assento de baptismo, de 10 de Outubro). Porém, no Dicionário Bibliográfico Português, de Inocêncio Francisco da Silva, é apontada, não sabemos com que fundamento, a data de 28 de Setembro.

Foram seus pais António José Duarte e D. Antónia Emília Guedes, que tiveram mais dois filhos, Custódio José e Joaquim, o primeiro dos quais foi também poeta de merecimento. (Infelizmente nunca conheceremos o grosso da sua obra, pois, no leito de morte, em Cabo Verde, pediu à família que lançasse ao mar um cofre com os seus manuscritos.)

O pai (que Ricardo Jorge diz descender de «família com brasão e bens, mas que viera a empobrecer») era farmacêutico e quis que o filho Manuel lhe seguisse as pisadas. Ao filho Custódio deu o Curso de Medicina.

Obtido o diploma do Curso de Farmácia em 1866, Manuel Duarte de Almeida exerceu durante algum tempo funções de praticante da Farmácia Baptista, em Vila Real, após o que se retirou para o Porto, para seguir uma carreira na Administração dos Correios, tendo chegado a Primeiro Oficial em 22 de Dezembro de 1880 e posteriormente a Chefe de Secção. Aposentado dos correios, muda-se definitivamente para Lisboa em 1896 e aí consegue em 1902 o lugar de bibliotecário da Direcção Geral de Instrução Pública, emprego certamente mais conforme à sua vocação literária.





Em 1880 casa com D. Maria Augusta da Silveira, da Casa da Botica, em Paços de Ferreira, que lhe dá cinco filhos: Fernando, que viria a morrer novo, vitimado pela tuberculose; Jorge, que foi cônsul de Portugal em Boston; Filémon, que foi oficial da Marinha; um quarto filho, cujo nome e destino ignoramos; e Cordália, que, juntamente com sua mãe, forneceu a Ricardo Jorge muito material para a edição póstuma de Terra e azul (Porto: Imprensa Moderna, 1933) que o ilustre médico organizou e prefaciou.

Camilo Castelo Branco, no Cancioneiro alegre, recorda ter visto Manuel e Custódio ao colo da mãe, «uma senhora formosa, de brilhantes olhos, elevada estatura, com um perfil inolvidável». Seria isso entre 1846 e 1848, época em que Camilo se encontrava por Vila Real. Provavelmente, Manuel Duarte de Almeida saíra à mãe, pois distinguia-se pelo seu porte garboso. Ricardo Jorge descreve-o com estas palavras: «(...) Figura de eleição, estampa de virilidade e gentileza que se diria modelada à imagem e semelhança da beleza interna do espírito. O luzeiro vivo dos olhos, o sorriso meigo dos lábios francos, a articulação musical dum voz dolente acabavam por fascinar quem o visse, ouvisse e conversasse.» Era também conhecido pela sua modéstia e pelo seu estoicismo ante os golpes e injustiças que sofreu.

Infelizmente, a esta perfeição física e também moral, correspondeu uma certa predisposição para o desânimo e para o infortúnio, assim como uma constituição neurológica algo mórbida que o tornava atreito a crises de neurastenia, melancolia, hipocondria e frenesi. Ele próprio se lamenta em carta de 1908 à Revista Ilustração Trasmontana, que o convidara para colaborador: «A doença, que dia a dia me vai minando e, em progressão rápida e incontrastável, consumindo as últimas e débeis forças, tolhe-me inexoravelmente toda a manifestação regular exterior da fenomenalidade mental. Sou escravo da fatalidade mórbida que dispõe de mim a seu talante, sem remédio que valha, sem um alívio moral sequer – antes pelo contrário; e não só dessa, desgraçadamente, mas de quantas fatalidades mais se possam imaginar e conceber.»

Manuel Duarte de Almeida, ou simplesmente Manuel Duarte, como era muitas vezes referido – o que de resto lhe desagradava –, escreve os primeiros versos por volta de 1868, publicando-os no jornal literário A Grinalda, que se publicou no Porto no 3.º quartel do séc. XIX. Logo em 1872 escreve o célebre soneto “Aromatografia”, onde são perceptíveis os conhecimentos sobre plantas adquiridos no Curso de Farmácia. Este soneto, publicado pela primeira vez em 1873 no jornal literário A Folha, de Coimbra, fundado e dirigido por João Penha, foi altamente elogiado e deve ter contribuído decisivamente para a reputação de grande poeta que o autor alcançou. Ricardo Jorge diz dele que é “o seu soneto-sol, o seu soneto medalhão, o seu primeiro verdadeiro troféu de



glória.” Segundo o poeta Afonso de Castro (Notícias de Vila Real, 11 de Março de 1934), o soneto terá sido inspirado por uma senhora casada de Vila Real, com quem Manuel Duarte terá tido um romance.

Em 1874 escreve a Elegia panteísta a uma mosca morta, que apenas seria publicada em 1889, depois de sofrer alguns retoques. Esta elegia é outro dos títulos de glória do poeta, abundantemente citada, referida e elogiada, e ajudou a consolidar a sua reputação de artista da palavra. Jaime de Magalhães Lima, acusando a recepção da obra, escreve em carta de 24 de Junho de 1891: «É decididamente a mais bela união de graça e de grandeza que ultimamente tenho visto na poesia portuguesa, um documento que por si só dá foros de grande poeta.»

Em 3 de Abril de 1889 vive aquele que é porventura o ponto culminante da sua carreira poética. Numa sessão solene da Sociedade de Instrução do Porto em honra do Infante D. Henrique, recita as Estâncias ao Infante D. Henrique, que serão longamente ovacionadas pelo público presente e entusiasticamente saudadas pela imprensa. As Estâncias, um poemeto épico ao gosto de Camões, até na utilização da oitava-rima, conhecem logo tradução para italiano por Tommaso Cannizzaro, para sueco por Göran Bjorkman e, parcialmente, para alemão por Wilhelm Storck. Quanto ao grande lusófilo inglês Edgar Prestage, confessa-se incapaz de fazer uma tradução para inglês digna do original. Por seu turno, Maxime Formont, escritor francês, faz a seguinte apreciação: “O autor destas oitavas é um verdadeiro filho de Camões, continuador da tradição épica nacional.”

Podemos considerar que estes três poemas ("Aromatografia", "Elegia panteísta a uma mosca morta" e "Estâncias ao Infante D. Henrique") constituem os momentos culminantes da carreira de Manuel Duarte de Almeida. Muito em virtude deles, o poeta conheceu a glória e mereceu na imprensa nacional adjectivos como adorado, único, glorioso, incomparável, genial, divino, primacial, inimitável, culminantíssimo e outros semelhantes.

Em 1894 foi feito sócio correspondente da Academia das Ciências e em 1895 do Conseil Heraldique de France. Alguns dos mais importantes poetas da época foram seus admiradores e amigos: Antero de Quental, João de Deus, Guerra Junqueiro.

Em 24 de Janeiro de 1890, Manuel Duarte de Almeida escreve *Vae victoribus*, um libelo anti-britânico, por ocasião do Ultimato Inglês, no mesmo tom indignado e fulminante usado por Guerra Junqueiro no *Finis patriae*, que tem aliás o mesmo pretexto.



A glória de Manuel Duarte de Almeida foi contudo efémera. Hoje ninguém ou quase ninguém recorda a sua obra. O próprio Ricardo Jorge, no seu prefácio a *Terra e azul*, menos de vinte anos sobre a morte do poeta, reconhece que “sobre todas estas jóias e sobre quem as burilou, desceu o véu pesado do esquecimento.” E Artur de Magalhães Basto escreveu, n’ *O Tripeiro* de 1 de Maio de 1951, um artigo sobre Manuel Duarte de Almeida que tem o significativo subtítulo de “Um Grande Poeta Esquecido”.

Manuel Duarte de Almeida tinha a intenção de reunir toda a sua obra poética num volume para o qual ele próprio escolheu o título de *Terra e azul*. Mas o projecto não é então concretizado e só em 1933, pela mão de Ricardo Jorge, médico, escritor e um dos mais superlativos encomiastas do poeta, é que a obra foi finalmente publicada sob esse título, na Imprensa Moderna do Porto. Reúne praticamente todas as suas composições.

Em 1893, saíram duas narrativas (*A filha do general* e *Ulisses na ilha das mulheres*), ambas de qualidade inferior, assinadas por um Manuel Duarte de Almeida (Torpin) que não é com certeza o nosso poeta. Por outro lado, em 1899 sai em Lisboa uma obra poético-satírica intitulada *Flor de sebo*, assinada com o pseudónimo de Frei Vasco, que corresponde a Manuel Duarte de Almeida, muito embora o seu tom chocarreiro contraste violentamente com a sua poética suave.

Nos últimos anos de vida, que foram de esboroamento intelectual e agravamento dos padecimentos, a sua produção poética foi declinando, e os poucos poemas que ainda ia compondo (os últimos parecem datar dos finais da primeira década do séc. XX: *Beijos perdidos* é de 1909) nada acrescentam de substancial à obra deste poeta, que é geralmente classificado como parnasiano, pelo modo como cuida dos aspectos formais dos seus poemas, mas que em certas composições anuncia o simbolismo.

Em 1914, «presa de profunda astenia e exasperada uma bronquite crónica que de longe o afligia», segundo Ricardo Jorge, faleceu durante uma das suas visitas regulares ao Porto.

## AROMATOLOGRAFIA





Ao Dr. Luiz de Magalhães

Se alguma vez tentasse, ó minha doce amada!

Na tela desenhar teu nobre busto hebreu,

Não iria pedir – bucólico Dirceu –

À neve, à rosa, ao lírio, a tinta delicada.

A gazela medrosa, a pomba assetinada,

O ébano, o marfim, o sol, o azul do céu,

Nada tinham que dar-me, ó fouveiro escarcéu,

Flama alongada em lago onde a minha alma nada!

Perfumes na paleta, em vez de tintas, pondo,

Derramara o beijoim no teu seio redondo;

Nos lábios a mordente escalonia; no olhar

A magnólia, que lembra um antártico mar;

E a rajada do sul, impregnada de aromas,

Pintara o turbilhão das tuas negras cômas.

Maio, 72

Manuel Duarte de Almeida, Terra e azul. – Porto : Imprensa Moderna, Ld.<sup>a</sup>,  
1933

